



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS - UNIFAL-MG

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 714. Alfenas/MG. CEP 37130-000

Fone: (35) 3299-1000. Fax: (35) 3299-1063



Disciplina: Fonética e Fonologia

Docente: Taíse Simioni

Discente: Brian Ferraz

“Inglêis” ou “Inglês”?

O que a fonologia tem a dizer sobre isso

Muitas palavras do português brasileiro são pronunciadas de forma diferente daquela com que são escritas. Isso não representa um erro, mas sim uma manifestação natural da oralidade na língua. Você certamente já se perguntou por que escreve “inglês”, “português” e “arroz”, mas pode pronunciar “inglêis”, “portuguêis” e “arroiz”. Fique tranquilo, você não está falando errado. O que está acontecendo nessa fala é um fenômeno chamado de ditongação, compreendido pela fonética e fonologia como processo funcional da linguagem e natural aos falantes de português brasileiro em diversas palavras.

O processo de ditongação consiste na transformação de uma sílaba com uma única vogal em uma sílaba com vogal e semivogal. Esses dois sons aparecem juntos na mesma sílaba, formando o que chamamos de ditongos. Observe algumas das palavras em que esse fenômeno acontece: “inglês”, “português”, “três”, “traz”, “cruz”, “Jesus”. Note que elas apresentam duas semelhanças importantes: todas terminam em /s/ e possuem a última sílaba tônica, o que favorece a ditongação na fala. Para que fique mais claro e evidente a pronúncia marcada por ditongação, realize-a em voz alta.

Mas isso só existe na fala? A resposta é não. Esse processo pode se refletir também na escrita, principalmente quando as pessoas escrevem do jeito que falam, evidenciando marcas da oralidade. A ditongação é comum em contextos informais da fala, como nas conversas do dia a dia, em que a pronúncia das palavras tende a ser mais rápida e fluida. Quando isso se reflete na escrita, é possível encontrar registros que reproduzem essa pronúncia, de forma a não seguirem a ortografia padrão.

A língua é um sistema vivo e mutável. Há diversas motivações que compreendem por que João fala ou escreve “inglêis” e Maria “inglês”. Entre os motivos estão a variedade regional, identitária, social e econômica. Seja qual for o motivo, ele é válido para a linguagem comunicacional enquanto instrumento de interação.

Sendo professor, deve-se corrigir um aluno que apresenta essas realizações de ditongação na fala? A resposta para essa pergunta também é não. A oralidade é reflexo das variedades linguísticas presentes no contexto social do aluno, não podendo ser considerada “errada”. Ou seja, o foco não deve estar em apontar “erros”, mas em promover o desenvolvimento da competência comunicativa, mostrando as diferentes formas de uso da língua em contextos diversos. O ideal, enquanto professor, é acolher a base dos conhecimentos linguísticos que o aluno possui, orientando-o a adequar sua linguagem conforme sua prática discursiva, considerando que há cenários de preconceito linguístico que legitimam apenas uma maneira de falar.

Em sala de aula, o aluno manifestará diversas características da fala que se diferenciam da escrita formal e que certamente são compreendidas pela fonologia e devem ser trabalhadas com atividades adequadas que valorizem a identidade social e linguística do aluno, como propõe a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) ao incentivar a implementação de práticas plurais de discursos.